

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

CAROLINE MARTINS DIAS

**AS PARTICULARIDADES DO LAÇO AUTISTA: um estudo dos relatos
autobiográficos a partir da perspectiva psicanalítica**

SÃO LUÍS
2020

CAROLINE MARTINS DIAS

**AS PARTICULARIDADES DO LAÇO AUTISTA: um estudo dos relatos
autobiográficos a partir da perspectiva psicanalítica**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau em bacharel em Psicologia (Formação de Psicóloga).

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Júlia Maciel Soares-Vasques.

SÃO LUÍS
2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA.

DIAS, Caroline Martins.

AS PARTICULARIDADES DO LAÇO AUTISTA : um estudo dos relatos autobiográficos a partir da perspectiva psicanalítica / Caroline Martins DIAS. - 2020.

48 f.

Orientador(a): Júlia Maciel SOARES-VASQUES.
Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Autismo. 2. Autobiografia. 3. Laço. 4.
Linguagem. 5. Psicanálise. I. SOARES-VASQUES, Júlia
Maciel. II. Título.

CAROLINE MARTINS DIAS

**AS PARTICULARIDADES DO LAÇO AUTISTA: um estudo dos relatos
autobiográficos a partir da perspectiva psicanalítica**

Aprovado em: / / 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Júlia Maciel Soares-Vasques
Orientadora

Prof. Dr. Marcio José de Araújo Costa
Avaliador

Prof. Me. William Amorim de Sousa
Avaliador

Prof. Dr. Danilo Jorge Escorcio Hallabe
Avaliador (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho de conclusão de curso não seria possível sem a ajuda e o acolhimento de algumas pessoas imprescindíveis tanto em minha formação acadêmica quanto em minha vida.

Primeiramente agradeço à minha família, que sempre se fez presente durante todos estes últimos anos. À minha mãe e madrinha Iracy, por muito mais do que ter exercido a função materna, mas por ter me dado todo suporte possível para que eu chegasse até aqui. Obrigada pelos puxões de orelha e pelo seu amor. À Rita, minha mãe, por ter me dado a vida, e muito mais do que isso, por servir como exemplo de mulher batalhadora e guerreira, me espelho em você! À Angélica, minha irmã, pela sua solicitude e coração grande que só você tem. À Laura, minha irmã de coração, pelas vezes em que questionou quando eu “criaria jeito” e daria início a esse trabalho. À Alice, que mesmo tão jovem me dá lições de vida, que me ensinou que podemos não ter nada, desde que tenhamos a nós mesmas. À minha família? Mais do que isso, às mulheres de minha vida!

Agradeço enormemente à Júlia Maciel. Não apenas por ter aceitado me orientar durante esse trabalho, mas por ter me impulsionado a desbravar o, até então, temido mundo da psicanálise. A sua transmissão foi fundamental para o meu percurso enquanto estudante. Obrigada pela escuta e pela paciência.

Aos meus amigos, que acompanharam os tropeços que a vida deu, que estiveram comigo durante os momentos felizes e tristes – e olha que foram muitos! À "esquizete" do meu coração, Andressa. A amizade que a UFMA me deu. Seu companheirismo, sua empatia, seu acolhimento, nossos risos nos ônibus da vida, as cervejas compartilhadas, enfim, todo o seu afeto (e amor) foram fundamentais para o meu percurso de vida e de universitária. À Karol, pela sua energia contagiante, pelas gargalhadas, pelas brigas por causa de Crepúsculo, pelas brigas por coisas idiotas, pelas reconciliações, pelas viagens que fiz ao teu lado, enfim, pelos momentos que a mim são tão preciosos. À Alessandra Medina, pela nossa jornada, não só de amizade, como de universitárias, que começou há muitos anos antes. Pelas pizzas, lamúrias de relacionamentos, almoços no R.U e pela sua companhia. À Creuziane e Morgana, amigas que o Liceu me deu, pelas confidências, pelos fins de tarde na Gonçalves Dias, pelas brigas por refrigerante. Espero leva-las por toda a vida. À Beatriz, por ter me ajudado durante a primeira etapa deste trabalho, tanto na fase de escolha deste tema quanto na busca pelas autobiografias. À Alice, amizade que se deu de maneira tão incomum e que perdura até os dias de hoje.

Aos que se foram e deixaram sua marca. À Rômulo, meu eterno "Glee Pulando" Agradeço pela sua amizade e pelos momentos compartilhados. Por não ter soltando as minhas

mãos quando eu mais precisei. Sei que tu estarias aqui, ao meu lado, caso pudesse. Aonde quer que você esteja, saiba que seu companheirismo foi fundamental para o que eu sou hoje. À Giulyanne, pelo nosso encontro, pela sua vida, pela vida. Pelas gargalhadas, pelas reclamações, pelos olhares. Tua ausência até hoje me dói. Nunca vai deixar de doer. É uma ferida que nunca será cicatrizada completamente. É uma ferida necessária. Obrigada por ter me feito conhecer o lado bom e o lado ruim da vida.

Aos meus felinos, tão especiais para mim! À Xani, que se foi recentemente do plano físico, mas que continua vivo em meu coração e em minhas memórias, que me acompanhou nas madrugadas durante as leituras de Lacan, que me olhou chorar e sorrir, mas que sempre esteve ali, ao meu lado. Tua chegada foi meu maior presente. Ao meu gatinho Theobaldo por deitar fielmente ao meu lado todas as madrugadas enquanto este trabalho estava sendo elaborado.

À Dayse, Karoline, Thamires, Lucielle e Elias, colegas de formação. Pelos trabalhos acadêmicos feitos em parceria e pelos surtos compartilhados!

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Infância, que agregou tanto à minha jornada acadêmica. Creio que se caso eu não tivesse entrado neste grupo, esse trabalho não estaria sendo possível.

Por último, mas não menos importante: A mim. Por não ter desistido. Por ter perseverado. Pelas noites insone e por ter levantado todos os dias da cama. Os últimos dois anos de curso foram, de longe, os mais difíceis de minha vida. Agradeço a mim por ter acreditado em dias melhores.

“Há algo no autismo que não cessa de não se inscrever. Por isso continuamos a escrever sobre ele. ”

(Catão, 2015)

RESUMO

Pretende-se investigar as particularidades da linguagem e as possibilidades de laço que o sujeito autista é capaz de fazer com o outro através do viés psicanalítico. Para tanto, utilizou-se três obras autobiográficas com o intuito de entender acerca do funcionamento autista. O presente trabalho primeiramente realizou o levantamento bibliográfico em obras clássicas da psicanálise, em bases de dados e em autores atuais que discorrem acerca do laço e linguagem. Foi realizada uma sistematização de leitura, para isso, compôs-se uma análise a partir de dois eixos: relação sujeito – outro e linguagem. Se fez necessário entender qual o olhar que a psicanálise tem sobre o funcionamento autístico. Percebeu-se que três se fazem presentes e todos estes fazem relação direta ao posicionamento do autista frente a linguagem e ao Outro. Em relação as autobiográficas, identificou-se que o autista encontra dificuldades em colocar-se como sujeito da enunciação. Para tanto, é capaz de desenvolver várias estratégias para que essa fala seja separada de sua subjetividade, como a verborragia e a ecolalia. O uso do objeto inanimado se faz presente, entretanto, nota-se que enquanto um deles utiliza como forma de contato com o mundo e, portanto, criar laço, uma das autoras usa como uma maneira de comunicar-se sem se defrontar com a alteridade. A utilização do duplo imaginário como maneira de criar um laço possível se mostra presente para duas autoras. Conclui-se que a entrada na linguagem desses sujeitos se deu de maneira singular e própria para cada um, sendo para um através de um objeto, enquanto para as outras duas pela via do afeto e da captura. O laço estabelecido por esses sujeitos é um laço possível, particular, a partir de suas condições.

Palavras chaves: Autismo; Linguagem; Laço; Autobiografia; Psicanálise

ABSTRACT

This work aims to investigate the particularities of language and the possibilities of a bond that the autistic person can make with the other through psychoanalytical bias. Therefore, three autobiographical books were used to understand autistic functioning. The present work first carried out the bibliographical survey in classic works of psychoanalysis, in databases and in current authors who discuss the bond and language. A systematization of reading was made. For this, an analysis was organized from two views: subject-other relation and language. It became necessary to understand what the view that psychoanalysis has on autistic functioning. It was noticed that three are present and all of these are directly related to the autistic positioning regarding language and the Other. Regarding the autobiographical, it was identified that the autistic person finds it difficult to put himself as the subject of the utterance. To this end, it can develop various strategies so that this speech is separated from its subjectivity, such as verbiage and echolalia. The use of the inanimate object is present, however, it is noted that while one of them uses as a form of contact with the world and therefore create bond, one of the authors uses as a way to communicate without facing the otherness. The use of the double imaginary as a way to create a possible bond is present for two authors. It is concluded that the entry in the language of these subjects was unique and proper for each one, being for one through an object, while for the other two through affection and capture. The bond established by these subjects is a possible, particular, bond from their conditions

Keywords: Autism; Language; Bond; Autobiography; Psychoanalysis

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
3.1	O SUJEITO SE ESTRUTURA NO LAÇO COM O OUTRO	13
4	METODOLOGIA	20
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
5.1	AUTISMO NA LITERATURA PSICANALÍTICA	23
5.1.1	Breve conceituação do autismo	23
5.1.2	O olhar da psicanálise	25
5.2	LAÇO COM O OUTRO E LINGUAGEM	31
5.2.1	Contextualização das obras	31
5.2.2	Análise dos autorrelatos	32
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	44

1 INTRODUÇÃO

A singularidade de comportamentos e ações de algumas crianças chamou a atenção de Léo Kanner, médico psiquiatra que estudou e classificou 11 casos de crianças acometidas por déficits singulares e semelhantes entre si. Kanner, em 1943, denominou de síndrome autística do contato afetivo esse quadro nosográfico que possui por principal característica o isolamento de tudo aquilo que está fora, tudo aquilo que está externo ao sujeito. Assim, o termo *autism* advindo do grego *autos* cujo significado é "voltar-se para si mesmo" faz jus à maneira de se comportar dessas crianças. Segundo Maleval (2017), o autismo seria um modo de subjetividade tão fechada em si, que a menor interferência externa, a menor demanda por parte do Outro, desestabilizaria o sujeito.

Em 2013 foi lançada a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM-5). Nele, o autismo enquadra-se como Transtorno do Espectro Autista (TEA) e possui como critérios diagnósticos o déficit em diversas áreas do desenvolvimento, tais como dificuldade na comunicação e interação social; linguagem verbal inexistente ou deficitária; dificuldade no estabelecimento e manutenção do laço social; padrões restritivos e repetitivos de costumes e rituais, que fazem com que estas pessoas possuam uma inflexibilidade para mudanças (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

O Transtorno do Espectro Autista configura-se como uma das psicopatologias mais debatidas da contemporaneidade, seja pelo desconhecimento da causalidade entre os múltiplos fatores envolvidos que possam vir a acarretar no desenvolvimento desse distúrbio, seja pela sua descoberta recente, afinal somente em 1943 algum estudioso debruçou-se e questionou-se acerca das características tão singulares que permeiam essa patologia.

Do ponto biológico, sabe-se que para que o bebê alcance certa maturidade física e se desenvolva a fim de que um dia se torne independente, ele primeiramente precisa se apoiar em um cuidador, ou seja, o bebê não possui condições de sobreviver sem a presença do outro e para isso é primordial que exista um outro ser humano que irá suprir suas necessidades. Todavia, a psicanálise argumenta que o desenvolvimento da maturação física ocorre de forma concomitante ao processo de estruturação psíquica, isto é, ao processo de introdução da criança na linguagem. Entretanto, Jerusalinsky (1999), citado por Silveira (2003), ressalta que a constituição de um sujeito não depende do desenvolvimento enquanto processo maturativo, pois não é essencial que a criança ande ou saiba manejar instrumentos para que a estruturação psíquica ocorra. Assim, os acidentes no desenvolvimento podem repercutir em sua estruturação, mas não necessariamente.

Apoiando-se na psicanálise, entendemos que a concepção da linguagem não se dá de maneira natural e muito menos a partir de um aprendizado. Segundo Silveira (2003), para que a linguagem deste pequeno ser humano, que ainda é considerado apenas um corpo biológico, possa vir à tona e tornar-se um ser falante, é necessário que se tenha um outro ser dotado de linguagem que irá introduzi-lo neste campo. Contudo, denota-se que a criança autista enfrenta certos impasses no processo de inserção no campo da linguagem.

Sabe-se que o autismo afeta principalmente a interação social e a comunicação, fatores estes que como vimos não são independentes, repercutindo gradualmente no desenvolvimento dessa criança. Assim, essas dificuldades, em maior grau na comunicação, acabaram nos dando poucas pistas acerca do que esses sujeitos têm a dizer a respeito desse modo particular de funcionamento. Somente por volta nos anos 1970 que começaram a ser redigidos testemunhos produzidos pelos próprios autistas que puderam auxiliar estudiosos da área a entender melhor esse mundo tão fechado em si mesmo (MALEVAL, 2017), pois antes o estudo acerca desse distúrbio era tradicionalmente estudado a partir dos pesquisadores que se interessavam pelo quadro.

A partir da leitura de autobiografias de pessoas autistas é possível perceber que, mesmo com a dificuldade no estabelecimento e na manutenção do laço social, estas pessoas tentam, à sua maneira, emergir ao campo da fala. Dessa forma, observa-se que as autobiografias escritas por pessoas com autismo é uma das maneiras de se ter conhecimento sobre o que os próprios autistas têm a nos dizer e de que maneira seus relatos autobiográficos interpelam a teoria e a clínica psicanalítica

Desta forma, investigou-se as particularidades e singularidades que o sujeito autista apresenta quanto ao seu funcionamento, sua linguagem e sua maneira de fazer o laço com o outro a partir das obras "O que me faz pular" (2014) de Naoki Higashida, "Meu mundo misterioso - testemunho excepcional de uma jovem autista" (2012) de Donna Williams e "Uma menina estranha" (2012) de Temple Grandin.

Partindo da pesquisa bibliográfica, o presente trabalho apoiou-se na psicanálise para a investigação das particularidades do sujeito autista. Primeiramente, recorreu-se a obras clássicas dessa linha teórica e em seguida à autores mais recentes que discorrem sobre a constituição psíquica e laço do sujeito autista. O levantamento bibliográfico nas bases de dados PePsic e SciELO também foram realizados, para uma melhor compreensão acerca do tema. Para que se pudesse ter uma melhor visualização acerca do material autobiográfico, uma análise foi feita a partir de dois principais eixos: sujeito - outro e linguagem. Por fim, empreendeu-se a articulação entre o levantamento bibliográfico e o material autobiográfico.

Este trabalho justifica-se primeiramente pelo desejo do pesquisador, afinal em uma pesquisa em psicanálise torna-se impraticável o apagamento do sujeito de sua própria pesquisa, pois este se mostra comprometido com o material que irá estudar (LAMEIRA; COSTA; RODRIGUES, 2017). Dessa maneira, a afinidade pelo tema se deu através das experiências tidas em um Ateliê Musical com crianças com diagnóstico ou hipótese diagnóstica de autismo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Psicanálise e Infância e pelas leituras realizadas neste grupo que suscitaram questões acerca das possibilidades e singularidades de laço que uma criança autista pode ter com o outro e as particularidades que a linguagem dessas crianças apresentam.

O segundo ponto primordial é a maneira com que as autobiografias podem ser um meio de expressão dos próprios autistas, agora como protagonistas de sua própria história e de sua própria sintomatologia. A escrita dos autorrelatos proporciona às pessoas com esse mesmo diagnóstico uma rede de pertencimento e de identificação, criando grupos de discussão e debate que possibilitam um aprimoramento e uma visão mais crítica acerca do diagnóstico.

Dessa maneira, espera-se que este trabalho possa vir a auxiliar profissionais da área, comunidade acadêmica e pessoas que possuam interesse pelo tema a entender melhor a singularidade do funcionamento do autista.

Percebe-se um crescente aumento no interesse, tanto da população geral quanto dos profissionais, acerca do autismo. Entretanto, observa-se que no Brasil este campo ainda é pouco explorado, principalmente quando falamos em autobiografias de pessoas com autismo e de que forma o que esse sujeito tem a nos dizer pode contribuir para a teoria e clínica psicanalítica.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar as particularidades da linguagem e das possibilidades de laço com o outro a partir dos relatos autobiográficos de Naoki Higashida (2014), Donna Williams (2012) e Temple Grandin (2012).

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar o autismo como estrutura de acordo com a teoria psicanalítica;
- Investigar a entrada na linguagem dos autores;
- Analisar as particularidades da linguagem dos autores;

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O SUJEITO SE ESTRUTURA NO LAÇO COM O OUTRO

Sabe-se que o bebê humano, ao nascer, encontra-se em total desamparo e é necessário que a mãe, ou um outro encarnado e semelhante a si, possa lhe ajudar a sobreviver. Crespin (2004) nos diz que o bebê humano seria um bebê prematuro, pois nasce desprovido de qualquer capacidade para realizar suas necessidades de sobrevivência sozinho, diferentemente do bebê animal, que assim que nasce passa a agir de modo instintivo. Desta maneira, o ser humano já nasce dependente de um outro por conta desse estado dito como "sofrimento primordial" (p. 18) e também dependerá do outro pelo restante de sua vida, porém "pelo viés do amor" (p.18)

Crespin (2004) lança a hipótese de que "provavelmente antes do nascimento - no sentido da expulsão biológica -, o bebê humano já é um ser de relação. Um ser para quem a relação que estabelece com esse outro humano que o segura já se revela fundamental para seu futuro" (p.18). Dessa forma, podemos pensar que o ser humano já nasce dentro de uma rede simbólica e que é a partir dessa relação promovida entre o semelhante e o bebê, que este irá poder ter subsídios para o desenvolvimento de sua aparelhagem psíquica. Assim, o laço entre mãe-bebê, pai-bebê, cuidador-bebê, enfim, entre esse pequeno ser e seu semelhante que lhe promoverá cuidados, e não somente isso, mas que também portará o desejo na manutenção de sobrevivência desse recém-nascido, é que será fundamental para a sua constituição enquanto sujeito, revela a autora.

Esse acolhimento produzido pela mãe para com seu bebê e também essa receptividade do bebê para com sua mãe nada tem de natural. Não é um processo instintivo ou filogenético, mas um processo de adoção. Segundo Kormniski, Chatelard e Carvalho (2017), essa adoção só passa a ocorrer a partir do encontro entre mãe e bebê. Para que essa adoção, por parte da mãe, ocorra é necessário que esta se mostre disponível para conhecer seu bebê real e elaborar o luto do filho imaginário que fora idealizado durante a gestação. Os autores discorrem ainda que é a partir dessa mãe que não só enxerga e se endereça, como também banha com suas palavras, que o bebê poderá vir a ter uma existência garantida.

Esse outro semelhante, um ser falante e inserido culturalmente na linguagem, encarnado pela mãe, promoverá a primeira experiência de satisfação do bebê. Segundo Sigmund Freud em *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996):

A experiência demonstra que, aqui, a primeira via a ser seguida é a que conduz a *alteração interna* (expressão das emoções, gritos inervação vascular). Mas, como já

explicamos no início nenhuma descarga pode produzir resultado aliviante, visto que o estímulo endógeno continua a ser recebido e se restabelece a tensão em y. Nesse caso, o estímulo só é passível de ser abolido por meio de uma intervenção que suspenda provisoriamente a descarga de Q no interior do corpo; e uma intervenção dessa ordem requer a alteração no mundo externo (fornecimento de víveres, aproximação do objeto sexual), que, como *ação específica*, só pode ser promovida de determinadas maneiras. O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da *comunicação*, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais* (p.241).

Assim, podemos compreender que neste primeiro momento de desamparo inicial, existe uma descarga que é liberada pela via motora do bebê recém-nascido; esta descarga motora pode traduzir-se em choro ou grito e é necessário que uma ação externa provoque alívio através de uma ação específica. É a partir dessa primeira descarga e dessa "ajuda alheia" (p.241), que podemos traduzir como a mãe ou um outro cuidador e prestativo, que atua na fonte de tensão através de uma ação específica que o organismo do bebê pode reduzir a tensão e entrar na sua primeira experiência de satisfação. É a partir desse texto de Freud que podemos então perceber como a constituição psíquica se dá desde o nascimento e está inteiramente ligada a como este bebê relaciona-se com o outro.

É importante salientar que a primeira experiência de satisfação se encontra apoiada na necessidade, porém não se confunde com ela. Sendo assim, neste primeiro momento em que o bebê grita, ele pode estar gritando por fome ou frio, características do campo da necessidade. Porém, quando a mãe alimenta esse bebê e este passa a ter uma experiência de satisfação, onde a criança não mama mais pela fome, mas pela sensação prazerosa que isso lhe causa, já estamos falando de algo para além da necessidade, é o campo pulsional que está operando. Podemos falar que a primeira experiência de satisfação ocorreu quando a criança passa então a alucinar com o seio materno, como por exemplo quando a criança chupa o dedo ou as mãos em busca do retorno à essa primeira satisfação (FREUD, 1905/2016).

Se para Freud o aparelho psíquico se constitui através das marcas mnêmicas de experiência de satisfação que farão com que o bebê alucine e de forças pulsionais internas, Lacan, apoiado na linguística estrutural de Saussure, retomará o estudo freudiano para relacionar a estrutura linguística ao inconsciente, pois "o próprio ato da linguagem faz advir o inconsciente e o lugar onde ele se exprime" (DOR, 1989, p.28). Desta maneira, o inconsciente é estruturado como linguagem e as marcas mnêmicas são, a partir da perspectiva lacaniana, significantes. Podemos entender, então, o significante como uma sequência de fonemas que se desenrola no tempo, ou seja, a articulação da fala se dá a partir do desdobramento temporal do

significante. A sequência fonemática de significantes é o que chamamos de cadeia significativa (DOR, 1989).

A primeira experiência de satisfação produz marcas simbólicas no bebê. Ora, a mãe acaba por entender como uma demanda este primeiro grito dado pelo bebê, demanda endereçada a ela codificada como "estou com frio" ou "estou com fome". Dessa maneira, a cuidadora, assumindo a função materna, deseja satisfazer aquilo que ela entende por necessidade. Assim, a mãe passa a emprestar seus próprios significantes ao seu filho, para que no futuro este possa vir a construir a sua própria cadeia significativa (CRESPIN, 2004).

É na medida em que a mãe, encarnando o Outro, empresta seus significantes, através de um desejo que não é anônimo, tomando esse pequeno corpo em seus cuidados, não apenas como um corpo orgânico, mas um corpo pulsional, que o corpo do bebê pode vir a se constituir como um corpo erógeno inscrito em um circuito pulsional (JERUSALINSKY, 2002).

Segundo Jerusalinsky (2002), o organismo do bebê é marcado pela hiância, ou seja, neste pequeno organismo existem vários buracos que necessitam de cuidados, como a boca, ouvido, olhos, bordas que a partir desse terceiro tempo pulsional passam a ser zonas erógenas e que ao serem estimuladas a partir do laço mãe-bebê, cabe à mãe produzir suas marcas ali. Devemos ressaltar também que essas descontinuidades e alternâncias em um primeiro momento dependerão da mãe, pois trata-se de um momento em que a criança ainda está se apropriando da incorporação simbólica, entretanto, com o passar do tempo cronológico este bebê passará a desenvolver seu próprio ritmo de idas e vindas.

Crespin (2004) traz ainda noções de como as trocas investidas pelo desejo por parte da mãe passam também a ter funcionalidade de corte, de separação entre o bebê e sua mãe.

para que essas trocas carregadas de prazer compartilhado possam inscrever o terceiro tempo da pulsão, é preciso que o Outro da relação seja capaz ao mesmo tempo de investir suficientemente na relação com o bebê - o que uma mãe sobrecarregada ou um cuidador anônimo não podem fazer, - e capaz de aceitar os limites que o bebê lhe impõe - o que uma mãe intrusiva ou um cuidador às voltas com uma tarefa não sabem fazer [...]. Se analisarmos esta dupla proposição, nós nos apercebemos que ela corresponde à dupla vertente maternal-paternal, isto é, à alternância dos funcionamentos de atribuição e de corte, na sua regulação recíproca, que asseguram a emergência do espaço onde o bebê poderá advir como sujeito (p.51)

Essas alternâncias e descontinuidades que são colocadas no corpo orgânico do bebê têm como função fazer com que a criança passe a se apropriar de sua simbolização. É durante essa ausência materna, que lhe marcará e passará a permear toda a sua vida, que esse pequeno ser humano poderá desenvolver mecanismos para sua simbolização. Dessa maneira, a presença materna irá além do campo puramente físico, será de ordem simbólica. É no intervalo existente entre a demanda do bebê e a experiência de satisfação realizada pela mãe, que a criança será

capaz de produzir alguma resposta (KUPFER *et al*, 2009). É assim que o ato da mãe de ouvir o choro de seu bebê e responder dando uma chupeta ou mamadeira, e por vez este ficar satisfeito, que a criança pode vir a ter um funcionamento pulsional que passa a ser organizado "de acordo com a letra impressa em seu corpo pelo gozo e desejo materno" (JERUSALINSKY, 2002, p.157).

Segundo Lacan (1964/1988), o circuito pulsional só pode vir a ser lograr uma estruturação psíquica, quando a criança consegue percorrer o circuito dos três tempos pulsionais: ativo, passivo e reflexivo ou atividade-passividade. O primeiro tempo se dá na busca que a criança faz a um objeto externo de si que possa satisfazê-lo, enquanto no segundo a criança recorre ao seu próprio corpo, pois como sabemos a criança é perverso-polimorfa. Porém, a grande ênfase dada pelo autor está na atividade-passividade, segundo ele:

É preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece - mas também por não aparecer, - num terceiro tempo. Isto é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim - não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular (LACAN, 1988, p.169)

É no remate deste terceiro tempo, ou seja, quando ele faz seu percurso e retorna, que podemos dizer que aí nasceu um novo sujeito, novo sujeito pois encontra-se agora assujeitado ao campo do Outro, permeado pelo desejo e pela pulsão.

É neste momento de atividade-passividade, onde o sujeito vai em busca de um significante no campo do Outro, é que nasce a oportunidade de circunscrição da cadeia significante, sendo partir do nascimento do sujeito, este que surge como dividido, faltante, que a linguagem é inaugurada (LACAN, 1964/1998). Segundo Queiroz (2002), o primeiro significante seriam as lalações do bebê, algo sem significado nem com sentido de comunicação. Esse primeiro significante (S1) só terá sentido quando articulado ao outro significante (S2), quando deixa de ser apenas som, sem significância para uma sonorização com sentido. Entretanto, na criança autista, esta fase de balbucio não se opera, as lalações são inexistentes ou empobrecidas, sem inflexões e sem significação alguma (MALEVAL, 2017).

Laznik (2004) nos diz que é a partir do terceiro tempo pulsional e o seu não-arrematamento que a posição do autista seria marcada. De acordo com a autora, a criança autista não aceitaria o laço com o outro e, portanto, haveria um fracasso na instauração do circuito pulsional. Assim, essa não completude do terceiro tempo, tempo de fazer-se para o outro, incide diretamente no corpo da criança, pois as zonas erógenas, como lábios, esfíncteres, funcionam de maneira singular na criança com autismo por não terem sido zonas de investimento erógeno.

Assim, podemos entender que para que esse novo sujeito possa advir enquanto sujeito do inconsciente é necessário que ele se aliene ao campo do Outro. É no momento em que a criança se faz objeto, como por exemplo bebês que oferecem seus pés ao seu cuidador e aí podemos notar que a criança se satisfaz ao ser objeto de gozo do outro, que podemos dizer então que o circuito pulsional pôde completar seu percurso (LAZNIK, 2004).

Entretanto, um segundo momento para a constituição psíquica do bebê se faz necessário. Estamos falando do campo da imagem corporal do eu, processo este denominado por Lacan (1966/1998) como *Estádio do espelho*. Esta operação psíquica é designada pelo autor como um momento inaugural de identificação, onde o bebê, antes mesmo de ter controle da marcha ou da postura ereta, passa a ter percepção de seu próprio corpo.

O *infans* em seus primeiros meses de vida se vê como uma parte de sua genitora, não existindo assim diferenciação entre o seu corpo e o de sua mãe. De acordo com o autor

o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de uma totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN, 1998, p.100).

Assim, o que antes era fragmentado, não havendo diferenciação entre o seu eu e o outro, passa a ter uma espécie de unidade, de contorno que é dissociado do corpo de seu semelhante. É a partir da especularidade, do olhar confirmatório do outro, que a criança em júbilo pela imagem que vê agora diante do espelho, constrói uma identificação com essa imagem especular, identificação esta totalmente imaginária e alienante.

Partindo da teorização lacaniana, Laznik (2004) coloca que para que essa operação ocorra, é necessário que o Outro primordial, esse Outro encarnado pela mãe e marcado pela falta, dê sua falta a este pequeno ser ainda em constituição, ou seja, dê aquilo que não tem. Esta criança que é investida libidinalmente e que se situa a partir do olhar do Outro, precisa ser antecipada e colocada no lugar de ideal para que possa vir a se constituir.

Como podemos perceber ao longo deste texto, para que a criança venha a se constituir enquanto sujeito, precisa que um outro lhe empreste significantes e que possa introduzi-los na linguagem. Assim, pode-se afirmar que o sujeito se constitui através do laço com o outro.

A partir do que foi exposto, podemos entender que o nascimento de um sujeito não é dado de forma mecânica ou meramente desenvolvimentista, nós não nascemos sujeito, nos constituímos enquanto sujeito, dependentes do campo do Outro. Assim, para que a criança possa vir a desenvolver determinadas operações psíquicas e possa advir enquanto sujeito, é

necessário que tenha um outro encarnado detentor de um desejo não-anônimo que possa fornecer subsídios para que isto aconteça.

Entretanto, a partir das leituras realizadas, principalmente em Laznik (2004) e Crespin (2004) pode-se perceber que a criança com autismo está em uma constante exclusão de tudo aquilo que diz respeito ao Outro. Temos aí uma não submissão ao jogo que consiste no campo do simbólico que a criança autista se agarra ferozmente para não adentrar.

É dessa maneira que podemos pensar na dificuldade que o autista tem com a linguagem. Segundo Maleval (2017), enquanto a criança que irá se estruturar na neurose aceita submeter-se ao Outro e ser barrada pela linguagem, a criança autista rejeita sua dependência a esse campo de significantes, utilizando as palavras para comunicar sem se colocar como sujeito da enunciação, ou seja, sem endereçar-se ao Outro. Corroborando com o autor, Vivès (2018) nos diz que

O que o autista nos apresenta é menos uma recusa a comunicar do que uma recusa a falar, uma recusa da dimensão enunciativa e, logo, do sacrifício da voz que isso implica. Falar é dar a voz, é sacrificar a voz no altar da palavra e, então, aceitar se separar dela. O autista fala com a condição de apagar a dimensão enunciativa (p.3).

Assim, o autor continua explicando que o autista não tem dificuldade alguma em se fazer compreender, em se fazer entender, em pedir aquilo que quer em determinado momento. O autista consegue se comunicar, desde que essa comunicação não coloque em jogo a dimensão enunciativa, desde que ele não precise colocar algo seu nessa comunicação.

Maleval (2018) afirma que o autista possui dois mecanismos de entrada na linguagem, o primeiro seria através de balbucios pouco elaborados e a ecolalia, enquanto o seguro seria a escrita. Podemos nos questionar qual seria o motivo para isso. Segundo o autor, essa evitação em relação a interação social acarreta na exclusão da significação, ou seja, não se tem um sentido, não há um endereçamento, é apenas um código a título de uma mera reprodução. Já em relação a escrita, o gozo vocal não é colocado em jogo.

Subvertendo a lógica já conhecida em que uma criança primeiramente fala para depois escrever, por vezes é através da escrita que a criança autista é capaz de entrar no mundo da linguagem, para só depois falar, afirma Bernardino (2015). Em um de seus casos clínicos, a autora discorre:

À primeira vista, observamos que a criança passa a dispor de um banco de dados - palavras escritas - que lhe permitem dispor de traços, marcas, que ela toma de empréstimo deste sistema, deste corpo organizado da língua escrita. Ao invés de ser habitada pela linguagem, ela a adquire cognitivamente. Mas penso que a forma como ela se relaciona com este campo é fundamental, pois nem sempre ela fica fora do discurso. Ela pode, por exemplo, descobrir que ao escrever ela pode *se dizer*, expressar-se, e demonstrar sua afetação pela reação do outro (p.111).

Assim, podemos pensar que através dessa escrita a criança com autismo pode ter acesso a esse sistema que lhe parece extremamente complicado. A autora suscita que nos casos de pessoas com autismo que escrevem sobre si, por exemplo, é possível observar lapsos de escrita, evidenciando que estas não continuam coladas ao signo, e sim que há um significante permeando essa fala e que esse falar, por assim dizer, "ao afetarem o outro provocam o júbilo, ocorre uma vivência transferencial do 'falar' através do escrito e ser ouvido, levando inclusive a um início as vezes bem tardio da linguagem oral" (BERNADINO, p.114).

Em relação aos escritos autobiográficos, Bialer (2014) afirma que essa é uma forma encontrada pelos autistas para se "liberar do isolamento autístico glacial" (p.461). Assim, a escrita vem como uma forma de comunicação a respeito de seu sofrimento e de seus comportamentos, de forma a se fazer compreender a respeito de suas singularidades. Dessa maneira, a literatura aparece como uma das possibilidades dessa pessoa entrar no laço social e se sentir pertencente ao mundo.

Partindo-se do viés psicanalítico de constituição do sujeito e como já exposto, sabemos que o bebê precisa de um outro semelhante que lhe assegure sua sobrevivência, e não apenas isso, mas que o introduza no campo da linguagem e forneça elementos, através de seus cuidados, para que possa advir enquanto ser falante, enquanto sujeito. Entretanto, nota-se que o autista advém a partir de um funcionamento próprio, singular, em que o outro não é necessário para sua constituição psíquica. Percebe-se uma dificuldade na dimensão enunciativa, entretanto alguns adentram a linguagem de outras maneiras, como pela escrita.

Dessa maneira, este trabalho busca investigar as singularidades do laço da pessoa com autista a partir das autobiografias "O que me faz pular" (2014) de Naoki Higashida, "Meu mundo misterioso - testemunho excepcional de uma jovem autista" (2012) de Donna Williams e "Uma menina estranha" (2012) de Temple Grandin. Estas obras retratam que mesmo com as dificuldades que acometem pessoas que possuem esse outro modo de funcionamento, conseguiram, de algum modo, estabelecer algum tipo de laço e entrar de alguma maneira na linguagem. Portanto, apoiando-se no que já foi apresentado, podemos questionar: é possível observar alguma particularidade, a partir dos relatos destes autores, no laço estabelecido por esses sujeitos que se constituem psiquicamente prescindindo do outro?

4 METODOLOGIA

Partindo do que Maleval chama de "testemunhos de 'emergência' do autismo" (2017, p. 67), como um gênero literário em que o autista pode falar sobre si e de seu modo de enxergar o mundo, o autor também nos diz que essas pessoas precisam ser escutadas, pois para além do que os especialistas dizem acerca do autismo, elas também têm algo a nos falar, a partir de um lugar legítimo, sobre esse quadro nosográfico a partir de suas vivências. É desta maneira que o presente trabalho tem por finalidade, a partir do viés psicanalítico, investigar as particularidades do funcionamento autista e de como esse sujeito é capaz de fazer laço com o outro, laço este que não é feito de qualquer maneira, mas através da linguagem.

Para tanto, utilizaram-se as obras literárias "O que me faz pular" (2014) de Naoki Higashida, "Meu mundo misterioso - testemunho excepcional de uma jovem autista" (2012) de Donna Williams e "Uma menina estranha" (2012) de Temple Grandin como fonte de análise. Estas obras foram selecionadas pelo rico material autobiográfico produzido, onde tanto Donna Williams como Temple Grandin, autistas que fazem uso da linguagem verbal para comunicação, relatam suas vivências desde a sua primeira infância e Naoki Higashida, autista que utiliza a comunicação facilitada, escreve um texto que responde a algumas questões pertinentes acerca do mundo da pessoa com autismo.

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica para a investigação dos objetivos propostos, ressaltando-se que este método de pesquisa sob ótica da psicanálise vai além da simples repetição, reprodução daquilo que já foi pesquisado, mas coloca-se como uma repetição enquanto possibilidade para o aparecimento da falta e, por consequência, a viabilidade de uma reconstrução (LAMEIRA; COSTA; RODRIGUES, 2017). Assim, por mais que essa pesquisa esteja sendo desenvolvida por finalidade acadêmica, acaba por distinguir-se do padrão proposto pela pesquisa desenvolvida no meio acadêmico, pois segundo os autores, a pesquisa em psicanálise "possui como bússola o saber inconsciente" (LAMEIRA; COSTA; RODRIGUES, 2017, p. 70) e para tal desloca o pesquisador de sua posição anterior e o defronta com os desdobramentos que o inconsciente nos revela.

Dessa forma, o primeiro passo em direção aos resultados diz respeito ao levantamento bibliográfico acerca da constituição do laço. Primeiramente percorreram-se as obras de Sigmund Freud (1895/1996) e Jacques Lacan (1964/1988; 1966/1998) por tratar-se de obras clássicas da psicanálise. Em seguida, buscaram-se autores que fazem a articulação entre psicanálise e autismo levando em consideração a emergência do sujeito a partir da constituição

do laço, como os estudos realizados por Graciela Crespín (2004), Jean-Michel Vivés (2017), Marie-Christine Laznik (2004), Jean-Claude Maleval (2017) e outros textos de autores psicanalíticos que são referência no assunto em questão.

Após essa primeira etapa, se fez o levantamento bibliográfico de artigos e teses nas fontes de dados digitais como PePsic e SciELO, com a finalidade de uma maior compreensão acerca do autismo a partir da psicanálise nos dias atuais. Utilizaram-se os seguintes descritores: "psicanálise"; "linguagem"; "autismo"; "laço"; e "autobiografia". Os periódicos selecionados durante essa primeira fase possuem, obrigatoriamente, classificação Qualis entre A1 e B2 e estão publicados entre os anos de 2010 a 2019.

Entendendo que este referencial teórico se utiliza da prática de escuta atenta, abstendo-se de realização de interpretações no decorrer do processo, para só ao final realizar uma construção do que foi trazido, o mesmo foi utilizado para as leituras propostas que compuseram a bibliografia deste trabalho. Assim, só ao final dessas leituras realizou-se a interpretação dos dados obtidos (COELHO; SANTOS, 2012).

Em um segundo momento, a fim de elucidação das questões levantadas, foi realizada uma investigação rigorosa de forma qualitativa sobre o olhar que a psicanálise tem a respeito do autismo, de que maneira os autores dos livros autobiográficos selecionados adentram à linguagem e quais são as particularidades da linguagem desses autores. Dessa maneira, debruçou-se sobre tais obras e para tanto foi elaborada uma forma de análise com o intuito de sistematizar a leitura, assim, puderam ser descritas e analisadas as particularidades encontradas de uma melhor forma.

A análise partiu de dois principais eixos: relação sujeito - outro e linguagem, produzidos com base nos objetivos específicos deste trabalho. O eixo que diz respeito à relação que este sujeito pode estabelecer com o outro, se procurou averiguar questões como: o lugar que esse autista atribui ao leitor, o lugar que o outro tem em sua vida, como o autor se coloca em seu texto e qual lugar atribui para si, de que forma se dá sua relação com os objetos inanimados e qual é o lugar do semelhante em sua infância. Já o eixo que busca elucidar questões a respeito da linguagem, alguns questionamentos foram levantados, tais como o que provocou a entrada do autor na linguagem, como essa linguagem se apresenta e suas particularidades, de que forma o autor se apropria da linguagem, se houve algum motivo para a escrita e o que ele pode relatar acerca de sua sintomatologia.

Por fim, os dados obtidos durante análise das autobiografias foram utilizados para realizar a discussão com o material teórico encontrado tanto em bases de dados como em livros de autores que já discutem as problemáticas apresentadas.

Apoiando-se nesse percurso metodológico, almejou-se, a partir das produções autobiográficas, aprofundar o conhecimento acerca das particularidades do funcionamento autista, ampliando-se a compreensão de que esse sujeito, enquanto protagonista, tem mais a falar sobre si do que imaginamos. Espera-se, também, que tenhamos contribuído para a produção material acerca do laço com o outro que o autista é capaz de fazer a partir do viés psicanalítico, visto que existem poucos materiais que discorram acerca dessa temática.

Ressalta-se ainda que, como apresentado, o sujeito deve ser tomado em sua singularidade. Da mesma forma se dá o trabalho com autistas. O percurso individual dos autores não deve ser generalizado para todos os autistas por tratar-se de percursos únicos, com experiências e histórias de vida particulares.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 AUTISMO NA LITERATURA PSICANALÍTICA

5.1.1. Breve conceituação do autismo

O primeiro estágio da vida humana e tudo o que a cerca tem tido uma maior abertura nos meios acadêmicos e de pesquisa recentemente. Assim, como antes a criança era vista como um adulto em miniatura e essa concepção passa a sofrer mudanças a partir do século XVI e XVII, o mesmo podemos falar sobre a clínica psiquiátrica que estuda fenômenos que podem vir a acontecer na primeira infância. Segundo Maleval (2017), estes estudos passaram a ocorrer somente partir do século XIX, antes disso os fenômenos que ocorriam nessa fase do crescimento eram colocados na mesma categoria que o idiotismo. Ao longo desse mesmo século começam a fazer classificações dentro da idiotia. Entretanto, é somente a partir do conceito de esquizofrenia, nos anos 1930, que as patologias infantis começam a ganhar quadros nosográficos diferenciados.

A palavra "autismo" foi cunhada por Bleuler durante seus estudos acerca da esquizofrenia. É originária do termo alemão *autismus*, onde o prefixo *autos* é advindo do grego e possui como significado "si mesmo" e o sufixo *ismos* possui como conotação estado ou ação. Entretanto, é o médico psiquiatra Leo Kanner em 1943 que faz a distinção entre esquizofrenia e autismo. Com base em seus estudos e observações a partir de onze casos de crianças acometidas por déficits singulares e semelhantes entre si, Kanner passou a denominar "*síndrome autística do contato afetivo*" esse quadro nosográfico que possui por principal característica o isolamento de tudo aquilo que está fora, tudo aquilo que está externo ao sujeito (MALEVAL, 2017).

As principais características observadas durante o estudo kanneriano diz respeito a essa extrema solidão dessas crianças que acabam por não responder e nem interagir com tudo aquilo que lhe é externo. O autor cita crianças que não se antecipavam para serem levantadas pelos seus cuidadores e nem se ajustavam corporalmente quando eram carregadas. As crianças descritas por Kanner possuíam interesse pela mesmice, não havendo espaço para a diferença de brincadeiras e espontaneidade, ou seja, a alteridade não estava posta. No que diz respeito à linguagem, algumas não verbalizavam e as que conseguiam era de forma ecológica (KANNER, 1943/1997).

Com o passar dos anos e com as novas formulações teóricas advindas do campo cognitivo, onde algumas crianças conseguiam sair do fechamento autístico e faziam progressos

durante a adolescência, principalmente decorrentes da Síndrome de Asperger, a síndrome descrita por Kanner vai sendo vista como apenas uma das possibilidades que esse transtorno pode aparecer. É nesse meio que nasce o termo "autista de alto funcionamento", ou seja, aqueles que possuem déficit em alguma área, mas que não estão em um fechamento autístico exacerbado (MALEVAL, 2012).

De acordo com Sibemberg (2011), podemos observar um aumento no número de diagnósticos de autismo infantil e em contrapartida, os diagnósticos de psicose infantil enfrentam uma decaída. Ao questionar a razão desse fenômeno, um dos principais motivos é o enorme guarda-chuva que abarca diversas psicopatologias em uma só. A nova edição do DSM, atualmente em sua quinta edição, traz o autismo dentro de espectro autista, por exemplo.

Para Sibemberg (2011), com a chegada no DSM-III houve uma alteração na classificação do conceito de psicose precoce infantil, em que o autismo consta como uma síndrome. Dessa forma, o autismo aparece acompanhado de duas outras perturbações, a perturbação difusa do desenvolvimento com início na infância e a perturbação difusa atípica do desenvolvimento, configurando-se como um subtipo da psicose infantil. Entretanto, com a virada causada pela introdução da quarta edição do DSM, que passa de ter caráter descritivo e teórico, a ter função de suporte educativo para o ensino das psicopatologias, o autismo ganha uma nova classificação. Passa a existir os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, cuja divisão se norteia em transtornos autísticos e não autísticos.

Atualmente, na quinta edição do DSM 5, o autismo enquadra-se como Transtorno do Espectro Autista (TEA) e possui como critérios diagnósticos o prejuízo em três principais áreas: comportamento, interação social e linguagem. Assim, pessoas acometidas com essa psicopatologia tendem a ter prejuízos sérios em tudo aquilo que diz respeito ao campo do social (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). Kupfer (2015), ressalta que dentro do espectro autista proposto pelo DSM 5 existem três principais psicopatologias, o Transtorno do autismo, o autismo clássico definido por Kanner; a Síndrome de Asperger, que apresenta muito mais uma dificuldade na interação social e no comportamento; e, os Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, também descrita como autismo atípico. Dessa forma, podemos compreender o motivo pelo qual o autismo, ou como podemos também chamar - autismos -, ter tido um enorme aumento em suas classificações, e não somente nisso, como também no discurso social. Para a autora, é necessário que o profissional ao investigar essa classificação em uma criança, tenha um olhar mais delicado e que leve em conta as manifestações singulares que esse sujeito apresenta. Afinal, cada criança ou jovem é um e irá apresentar seus sintomas de uma maneira particular.

5.1.2 O olhar da psicanálise

Os primeiros debates acerca do diagnóstico entre autismo e psicose datam dos primeiros anos do século XX. Primeiramente surge com Kraepelin e Bleuler que pensavam na possibilidade de um diagnóstico mais específico para a psicose infantil, o que depois Kanner, a partir de seus estudos produz uma distinção entre essas duas psicopatologias. Com as contribuições de autores como Maud Mannoni, Melanie Klein, Bruno Bettelheim, entre outros, a psicanálise contribui fortemente para essa discussão (SIBEMBERG, 2011).

A partir da teoria psicanalítica, em que esta “toma o sintoma como uma expressão da realidade psíquica, sendo a linguagem o elemento constitutivo do sujeito psíquico. Linguagem que nos vem apresentada na relação com o Outro primordial, agente da função materna” (SIBEMBERG, 2011, p. 98) podemos pensar na diferenciação do autismo e da psicose a partir dos entraves que acontece no campo da linguagem, como propõe Jerusalinsky (1993) citado por Sibemberg (2011), mesmo que não exista um consenso quanto a isso.

Sabemos que a linguagem, comportamento e interação social, campos afetados na pessoa com autismo, não se dão de maneira paralela, mas são campos entrelaçados entre si e que influenciam diretamente na constituição psíquica do sujeito. Entretanto, um questionamento levantado por Sibemberg (2011) se faz pertinente:

Não haveria uma diferença entre estar inscrito numa comunidade linguística, compartilhando plenamente de suas trocas simbólicas; ter uma relação com esta linguagem, mas não compartilhar da mesma formação discursiva que ordena as trocas sociais; e, estar completamente excluído do campo de trocas linguísticas por não ter constituído qualquer relação com a linguagem? (p. 99).

Dessa maneira, podemos pensar nas diferentes posições que o sujeito assume frente a esse Outro e as reverberações que se tem na linguagem. Se questionar acerca da particularidade autista frente a linguagem se faz necessário na medida em que tantos posicionamentos no meio psicanalítico se fazem presentes.

As discussões acerca do autismo já levantam hipóteses no meio psicanalítico há algum tempo, suscitando diferentes concepções. As hipóteses apontadas por diversos psicanalistas dividem-se em três diferentes posições: em uma defendem a unidade estrutural, outra enquadra como uma a-estrutura e uma terceira, que coloca o autismo como uma estrutura diferente das demais.

O primeiro posicionamento enquadra o autismo dentro do campo da psicose. Dessa forma, o processo de alienação se daria, mas o processo de separação seria fracassado, assim a criança ficaria alienada, colada a esse outro, sem conseguir separar-se. A criança com autismo,

quando olhada sob a perspectiva da estrutura psicótica, "estaria na linguagem, mas passivamente, onde se apresentaria um Outro absoluto, visto que não poria em jogo a sua falta" (ROCHA, 2002, p.02). Kupfer, Faria e Keiko (2007) ressaltam que essa pessoa estaria dentro da linguagem, mas acrescentam: "se é falado pelo Outro, pode-se dizer que está na linguagem, e se é falado, está assujeitado a ela, como todos os seres falantes, e é, portanto, um sujeito, mas um sujeito que não transforma esse assujeitamento em enunciação" (p.159). Portanto, seria possível falar de um sujeito autista, mas para quem alteridade não estaria posta, não existia a diferenciação entre o eu e o outro.

A segunda proposição, em que o autismo se daria como uma a-estrutura, ou seja, esse sujeito estaria fora da estrutura, é defendida por alguns psicanalistas lacanianos. Rocha (2002) cita os posicionamentos de Yankelevich (1995) e de Vinhedo (1995) onde para o primeiro autor o autismo se daria em um nível muito mais primitivo que a forclusão, o Outro seria inexistente; já o segundo autor aponta para uma inexistência do laço ao Outro. Kupfer, Faria e Keiko (2007) apoiadas nos estudos de Stefan (1998), trazem a proposição de um autismo que se daria em um momento anterior ao estágio do espelho, dessa forma não existiria o Outro e nem mesmo o semelhante. Dessa forma, essas crianças

não estão constituídas na e pela linguagem: estão fora do discurso e fora da linguagem. Se o sujeito é uma produção, um efeito do fato de que somos seres de linguagem, então o autista está fora da linguagem nessa acepção estrita do termo. Pode bem falar, mas esse não é um ato que produz laço social e, portanto, um discurso. Fala, mas não se dirige a ninguém, e sua fala não o enlaça a ninguém (p.159).

Em relação à terceira hipótese levantada por psicanalistas, Kupfer, Faria e Keiko (2007) apoiadas nas proposições de Laznik (1989, 2005) explicitam acerca do estatuto que o Outro tem para o autismo quando levamos em conta a hipótese de que este estaria como uma estrutura a parte, revelando-se como uma quarta estrutura. Dessa maneira, o fracasso no terceiro tempo pulsional, momento em que um novo sujeito da pulsão advém, agora como falante, ocasionaria uma não eroginização no corpo da criança e assim as bordas e sua imagem corporal não funcionariam da maneira esperada. Assim, o autismo poderia ser lido como um "não-surgimento de um sujeito da pulsão" (p.160), e logo, essa criança não poderia se fazer objeto para o Outro. As autoras continuam com a hipótese de que essa falha no circuito faria com que a criança desenvolvesse uma sensibilidade que a impediria de criar laço com o outro.

Segundo Laznik (2004), para a psicanálise, o autismo pode ser lido como uma não instauração de estruturas psíquicas, que quando não tratadas precocemente, podem causar déficits cognitivos. Assim, pensa-se neste transtorno como uma consequência dessa falha que ocorre no momento em que as estruturas psíquicas estão se constituindo.

A partir da proposição em que o autismo seria uma estrutura a parte, podemos pensar no autismo como uma estrutura que se defende da intrusão do Outro. A recusa em olhar para o outro, em endereçar-se, a sensibilidade auditiva ou sensorial, podem ser exemplos que nos fazem pensar em uma recusa em sujeitar-se a tudo que lhe é externo, que vem do Outro. A respeito do laço, Kupfer, Faria e Keiko (2007) dizem que o autista pode até fazê-lo com o Outro

mas de tal forma intrusivo [...] que o autismo passa a ser entendido como uma proteção contra a invasão do Outro, o que produz um laço que é próprio do autista. Há laço com o Outro, mas um laço específico, com características precisas, que fazem do autista um ser que construiu uma subjetivação muito peculiar, mas ainda assim uma subjetivação (p. 160).

Dessa maneira, podemos pensar que mesmo com todos os entraves, o autista é capaz de inserir-se na linguagem e de fazer laço social, mas à sua própria maneira e de uma forma muito particular. Assim, ceder às coerções que temos na linguagem parece-lhe dolorosamente difícil. Entretanto, quais são os impasses tidos durante a instauração do aparelho psíquico que podem acarretar nesta forma peculiar de entrar na linguagem? Como falado anteriormente, dois processos de constituição psíquica estariam envolvidos neste processo: o circuito pulsional e o estágio do espelho.

Como sabemos, o circuito pulsional precisa percorrer os três tempos pulsionais, e é a partir de seu retorno, em que a criança se faz objeto de gozo do outro, que podemos afirmar que surgiu um novo sujeito (LACAN, 1964/1988). Porém, o que podemos pensar quando esse retorno pulsional não ocorre? O que acontece com o aparelho psíquico da criança que não consegue se fazer objeto para o outro? Laznik (2004) propõe a hipótese de uma falha no circuito pulsional que ocasionaria em um impasse no tempo de alienação da criança. O autismo, então, seria resultante dessa não alienação durante a constituição enquanto sujeito, pois, segundo a autora, percebe-se que para alguns autistas a linguagem não está posta, não é tomada na dimensão simbólica, mas apenas como um código:

Se constata às vezes neles uma linguagem que não se encarna, e que parece depender de uma tomada num Outro simbólico-puro código, sem poder se articular a um Outro real que poderia encarná-lo, sem que exista tampouco no mesmo movimento acesso ao estágio do espelho e à constituição de um eu e à alienação imaginária que esta instância comporta (LAZNIK, 2004, p.65).

Como consequência da falha tida no terceiro tempo, o mais decisivo de todos, que acaba por não ser arrematado e "fracassa", por assim dizer, podemos observar que as bordas corporais da criança não se constituem como zonas erógenas, zonas de investimento libidinal. Ou, em outras palavras, essas zonas que deveriam ser tomadas pela pulsão não se encontram investidas

dentro do circuito pulsional (LAZNIK, 2004). Jerusalinsky (2002) complementa sobre essa pulsionalidade que está para além da necessidade:

Quando a marca que um bebê recebe não transborda o funcionamento da função, se não a erogeniza, a produção instrumental pode até se dar, até pode ocorrer o funcionamento da função, mas é um funcionamento que exclui a extensão simbólica que o objeto pode vir a ter como representante do laço desejante com o Outro (p. 159).

Dessa maneira, podemos perceber que uma criança é capaz de desenvolver suas funções motoras, por vezes dentro do tempo cronológico previsto, porém sem necessariamente possuir funções psíquicas capazes de realizar simbolizações. Assim, crianças com autismo, por exemplo, podem correr e gesticular, porém sem endereçar-se a um outro sujeito, em uma constante exclusão do outro.

O segundo processo primordial de constituição do sujeito é o *estádio do espelho*. Como já exposto no capítulo anterior, esse mecanismo diz respeito à imagem que o bebê passa a construir de seu próprio corpo, agora um corpo unificado, completo. Entretanto, o que acontece caso haja dificuldades nesse processo? Segundo Crespin (2004), caso haja impasses no âmbito dessa construção, a imagem corporal do bebê não se constituirá ou se dará de forma débil: estamos diante do autismo.

O estágio do espelho e suas implicações estão relacionados a um dos objetos da pulsão, a specularidade enquanto ferramenta de comunicação. Crespin (2004) nos fala do nível de specularidade do bebê como "tempo de vacilação do olhar" (p.58), em que pode-se traduzir como

direcionamento do olhar, resultando no diálogo olho a olho. Isto é, o olhar como função psíquica, suporte da comunicação e da relação com Outro. Por esse motivo, o olhar mantém com a visão - por não ser cego - a mesma relação de enodamento que o objeto oral mantém com o alimento (p58).

Este diálogo olho a olho pode ser observado quando a mãe dá de mamar para seu filho. Pode-se perceber que a relação obtida nesse momento entre mãe e filho está para além da mera necessidade natural e a relação specular não tem nada de orgânico, mas de caráter pulsional, da ordem do desejo. Assim, pode-se afirmar que o olhar é uma das formas do sujeito construir o laço com o outro.

Contudo, há crianças que se recusam a olhar. Para Laznik (2004) o não-olhar entre mãe e filho nos primeiros meses de vida pode ser um dos indicativos de autismo. O que podemos observar em crianças autistas é que estas por vezes não fazem uso da specularidade enquanto uma forma de linguagem, mas a evitam a duras penas.

De acordo com Laznik (2004), quando este olhar não é tomado por um investimento libidinal estamos diante de uma não instauração dessa specularidade, ou seja, a relação specular encontra-se inexistente.

A partir do que já foi exposto, pode-se pensar na dificuldade que o autista tem com a linguagem. Segundo Maleval (2017), enquanto a criança que irá se estruturar na neurose aceita submeter-se ao Outro e ser barrada pela linguagem, a criança autista rejeita sua dependência a esse campo de significantes, utilizando as palavras para comunicar sem se colocar como sujeito da enunciação, ou seja, sem endereçar-se ao Outro.

Na pessoa com autismo podemos notar uma dificuldade na utilização correta do "Eu", pois para que possamos falar na primeira pessoa o "Eu" precisa estar constituído. Pensando dessa maneira, o autista não passaria pelo estádio do espelho e, logo, não diferenciaria a imagem de seu corpo e a do outro. Em outros, a voz torna-se artificial, sem expressão, quase como robotizada, impedindo que o sujeito tenha uma expressão pessoal própria. Assim, da mesma forma que existem autistas que não chegam a verbalizar, adentrando em um mutismo profundo (não estando de forma alguma relacionado a condições fisiológicas e sim de uma escolha inconsciente), outros podem falar em uma dimensão verborrágica, repetindo o mesmo assunto por diversas vezes, mas sem nunca falar sobre si, ou até mesmo verbalizar de forma ecolálica, sem passar uma mensagem com fins comunicativos (MALEVAL, 2017).

Contudo, o autor indica que a comunicação para o autista se torna mais facilitada quando por meio de objetos. Assim, podemos ver autistas que conseguem se comunicar por meio da comunicação assistida, isto é, através de um computador, e da escrita. A partir do momento em que esses métodos facilitadores começaram a ser utilizados, podemos constatar um avanço no estudo da vida interior dos autistas. É possível concluir, dessa forma, que para o autista é muito menos difícil entrar em contato com os objetos, talvez pelo seu caráter previsível, do que com o outro.

Entretanto, a partir de tudo que já foi exposto, podemos afirmar que o sujeito autista não se relaciona? Como fica a questão do laço com o outro para esse sujeito? Kupfer (2015) se interroga primeiramente o que seria se relacionar e mais a frente responde que as relações estabelecidas por nós seres humanos são voltadas para duas dimensões: a do prazer e a do amor. É sabido que existem relações em que não há uma troca envolvida, existe ali apenas um pedido de informação, uma troca objetiva. Esse é o caso de algumas crianças autistas que chamam pelo o outro, mas sem a intenção de uma troca, um laço, mas apenas que esse outro supra alguma necessidade sua. O sujeito neurótico nunca está atrás de apenas uma informação, sua demanda, ressalta a autora, é sempre uma demanda de amor. Contudo, podemos perceber que não é o

amor que está em jogo para a criança autista, afinal enquanto o sujeito neurótico ficaria afetado quando o endereçamento ao outro não fosse correspondido, o sujeito autista possivelmente não se afetaria.

Como já vimos anteriormente, assim que o bebê nasce, a ele é oferecido muito mais que o alimento, mas a relação com o Outro que neste momento encontra-se encarnado. Kupfer (2015) nos diz que a criança "nasce com dois grandes apetites: o apetite de alimento e o apetite de Outro" (p.176). Em um primeiro momento é o encontro com esse agente materno que lhe é prazeroso, mas que vai sendo substituído por outras marcas, primeiramente marcas simbólicas no corpo do bebê. Dessa forma, a autora nos fala que o prazer é uma construção, não nasce dada com o bebê e sim construído a partir da relação estabelecida com esse Outro, prazer este que se torna compartilhado.

Assim, a autora propõe que o prazer compartilhado se divide em três níveis de construção: a criança aprende a receber prazer e o amor que vem do outro, nesse nível é importante observarmos que a criança recebe o prazer mas não o retribui; no segundo nível a criança aprende a dar prazer para o outro, mesmo nesse momento a criança não está em um prazer compartilhado, afinal a criança dá prazer para o outro em troca de uma recompensa, é algo puramente aprendido para que se obtenha uma espécie de reforço, configurando-se como artificial e mecânico, sem o sentido de troca; no último nível que diz respeito às crianças psiquicamente organizadas, podemos observar uma troca afetiva, é o nível em que a criança aprende a dar para receber prazer. Esse compartilhamento de prazer, como podemos notar, está apoiado no circuito pulsional, trabalhado anteriormente. A partir do que foi exposto a autora conclui que

podemos dizer que a) a criança autista pode conhecer e operar com o vínculo passivo: sabe receber; b) algumas aprendem e instalam o vínculo instrumental: dar, c) o autista não conhece o vínculo "dar para receber". Dito em termos psicanalíticos, quando não se constrói o vínculo amoroso, a instalação da sexualidade infantil não se deu convenientemente e a construção do laço libidinal com os outros está comprometida. É justamente dessa falha que se originam as principais dificuldades dos autistas [...] (KUPFER, 2015, p. 178).

Sendo assim, podemos afirmar que o autista possui dificuldade em se posicionar quanto sujeito do desejo. O autista acaba por não saber qual é o desejo do outro e o que este outro e o Outro esperam dele. Se faz necessário um trabalho que possibilite a re-construção desse desejo e do vínculo amoroso (KUPFER, 2015).

5.2 LAÇO COM O OUTRO E LINGUAGEM

5.2.1 Contextualização das obras

O presente trabalho se propõe a analisar três obras autobiográficas de indivíduos que entraram de alguma maneira à linguagem, uma que vai muito além do simples comunicar. Percebe-se que os autores buscam falar de sua história de vida e também das dificuldades encontradas em um mundo que lhes parece tão hostil. São histórias de pessoas singulares, em que cada uma, apesar do diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, apresenta alguns sintomas e maneiras de lidar diferentes. Para isso se faz necessário uma breve apresentação sobre quem são estes autores e o que seus testemunhos nos apresentam.

Em “O que me faz pular” (2014), Naoki Higashida, um jovem autista japonês, se propõe a responder algumas questões recorrentes acerca das pessoas que estão dentro deste espectro. O livro é escrito em formato de perguntas e respostas, na qual o autor se endereça ao interlocutor e também traz alguns contos escritos pelo próprio autor. A proposta de seu livro é mostrar para as pessoas que não estão dentro do espectro um pouco do mundo que o autor experimenta, explicitando suas facilidades e dificuldades e elucidando dúvidas sobre seus comportamentos recorrentes que para algumas pessoas parecem tão “esquisitos”. A partir da leitura é possível percebermos a vontade do autor em se expressar, em falar o que sente e o que pensa, enfim, em se comunicar e sair desse mundo autístico. Higashida apresenta um pouco de sua sintomatologia, como dificuldades na linguagem e em manter o contato visual, sensibilidade auditiva, estereotípias e dificuldades com mudanças. Enfileiramentos de objetos e obsessões também se fazem presentes, dessa maneira, podemos dizer que o autor manifesta sintomas do autismo clássico, descrito por Kanner.

A australiana Donna Williams nos conta um pouco como foram os percalços de sua infância e juventude no livro “Meu mundo misterioso” (2012). Filha de uma mãe rígida e agressiva e de um pai, por vezes, ausente, o mundo se apresenta para Williams como hostil, uma batalha que deve ser enfrentada e para isso cria duas outras personas, Willie e Carol. A autora apresenta uma série de sintomas característicos, como ecolalia quando criança, sensibilidade ao toque, dificuldades na linguagem e no estabelecimento do laço social, obsessão por organização, resistência a mudanças, entre outros.

Temple Grandin, norte-americana e reconhecida pelas inovações no campo da pecuária, escreveu seu livro autobiográfico intitulado “Uma menina estranha” (2012), onde descreve acontecimentos de sua vida desde sua infância. Relata que sua mãe achou seus comportamentos diferentes das crianças de sua mesma faixa etária desde os seis meses de idade e não muito

tempo depois foi diagnosticada com autismo. Filha de uma família abastada recebeu tratamento especializado de fonoaudiólogos e psicoterapeutas, assim como ensino voltado para suas dificuldades e potencialidades. Seu testemunho conta com a descrição de comportamentos característicos do autismo como fixação por certos assuntos, dificuldades na linguagem, obsessão por movimentos giratórios, entre outros. Entretanto, o mais perspicaz da autora é a sua criação chamada “máquina de abraço”, máquina esta que a autora cria para que pudesse ser tocada e também sentir alívio de alguns ataques que sentia.

5.2.2 Análise dos autorrelatos

Desde 1943, quando Kanner descreveu as particularidades das crianças que atendia, percebeu-se que a linguagem destas se dava de modo diferente, algumas não possuíam linguagem verbal enquanto outras falavam sem nada dizer ou apenas repetiam algo que tinha sido falado anteriormente, de forma ecológica. Muitas das vezes, autistas que não verbalizam são levados a falar pela primeira vez por conta de situações estressoras que desarmam sua proteção contra o Outro, fazendo-o com que essa recusa do Outro caía por alguns momentos, como é o caso de Temple Grandin. Durante um acidente de carro, situação inesperada que lhe causou grande impacto, a autora foi capaz de proferir as palavras "gelo! gelo! gelo!" (GRANDIN, 2012, p.24) de maneira clara. Segundo Maleval (2017), por vezes o autista só consegue proferir algumas palavras em situações angustiantes e que o enunciado por vezes escapa e aparece de forma marcada, endereçada e assertiva, corroborando com o relato de Grandin (2012): "isso geralmente ocorria em momentos como no acidente de carro, quando a tensão foi mais forte que a barreira que geralmente me impedia de falar" (p.24).

Grandin continua seu texto explicando o porquê de, quando criança, não conseguir usar as palavras para se expressar "embora eu entendesse tudo o que as pessoas diziam, minhas respostas eram muito limitadas. Eu tentava, mas na maior parte das vezes não saía nada. Era parecido com o que ocorre na gagueira, as palavras simplesmente não saíam" (p.24). Já Donna Williams revela que foi ecológica até os três anos e meio e relata que as vozes que falavam com ela não passavam de um ruído, aquilo que diziam não lhe despertavam interesse.

Durante os três anos e meio de vida, esta [ecolalia] foi toda a minha linguagem, acrescida das entonações e das inflexões vocais daqueles que eu pensava que faziam parte do << mundo >>. O mundo se mostrava impaciente, importuno, duro, implacável. Com o passar do tempo, aprendi a lhe responder com lágrimas e gritos, ou pela indiferença e fuga. Um dia, consegui realmente compreender uma frase particular, em lugar de me contentar em ouvi-la, por que ela tinha um sentido que me interessava pessoalmente. [...] Alguém havia perguntado como estava a minha aprendizagem de higiene, e minha mãe respondeu que eu ainda me molhava" (2012, p.29)

Assim, como podemos perceber o que precipita a linguagem para Donna Williams, ou seja, o que lhe chama atenção pela primeira vez e faz com que esta queira entender o que está sendo dito é algo que lhe diz respeito, algo que mesmo que não esteja direcionado diretamente para ela, fala sobre algo que lhe concerne.

Segundo Catão e Vivès (2011) a ecolalia seria resultado de uma recusa que o autista possui em relação a fala, ao que diz à dimensão enunciativa. Dessa forma, tem-se uma fala dissociada da dimensão subjetiva. Nesse sentido, o autista pode até falar desde que não fale sobre si.

A falta da dimensão enunciativa aparece quando Donna Williams diz:

Quando eu estava de humor exuberante, falava sem cessar sobre os assuntos que me interessavam. Quanto mais eu avançava em idade, mais me interessava por assuntos variados e mais me mostrava inesgotável. Eu não tinha, ao contrário, nenhuma vontade de discutir, nem de trocar ponto de vista. Não esperava nem respostas nem opiniões particulares por parte dos outros. Ignorava suas interrupções e continuava a falar como se não houvesse ninguém (2012, p. 99).

Mais à frente, Williams relata que quando desejava realmente se comunicar era uma tarefa árdua, pois falar sobre algo que a interessava e endereçar-se a alguém significava expor uma parte de sua personalidade e identidade. Entretanto, "as afirmações que não tinham relação comigo e que não diziam respeito às minhas preocupações me saltavam da boca como gracejos de um comico de 'music-hall'" (WILLIAMS, 2012, p. 101). Temple Grandin relata que possuía fixações relacionadas a certos temas, quando isto acontecia falava dele por muito tempo sem esperar uma resposta de um outro, pois assim como Donna, ela não tinha interesse em discutir ou trocar algum ponto de vista, mas apenas falar sem se endereçar:

Outra de minhas fixações mais incômodas era fazer perguntas o tempo todo, e eu costumava repetir a mesma pergunta esperando, com grande prazer, a mesma resposta - vezes sem dar conta. Se uma determinada questão me deixasse intrigada, eu ficava totalmente concentrada naquele assunto e falava dele a exaustão. Não admira que me tenham dado o apelido de "vitrola" (GRANDIN, 2012, p. 41).

Assim, podemos perceber que a verborragia dessas duas autoras está associada à recusa do jogo vocal que a linguagem suscita. Segundo Maleval (2017), o autista tenta se comunicar de uma forma que não coloque algo de si nessa transmissão, dessa forma, percebe-se uma dificuldade em tornar-se enunciator, em endereçar-se.

Quando o sujeito autista procura comunicar, ele o faz tanto quanto possível de uma maneira que não coloque em jogo nem o seu gozo vocal, nem sua presença, nem os seus afetos. Se há uma constante discernível em todos os níveis do espectro do autismo ela reside na dificuldade do sujeito em tomar uma posição de enunciator. Ele fala sem problemas, contanto que não diga (p. 90).

Naoki Higashida apresenta outra forma de endereçamento sem colocar em questão a enunciação. Ele se questiona por qual motivo não consegue falar daquilo que deseja dizer "eu nunca consigo dizer o que quero de verdade. Ao contrário, palavras que não têm nada a ver com nada escapam da minha boca. Isso costumava me deixar bem deprimido, e eu não conseguia deixar de ter inveja dos que podem falar sem o menor esforço" (p. 29). Mais à frente declara que não é por que não sente vontade, mas que é algo que está para além de seus esforços, ele não consegue.

Como vimos anteriormente, algumas pessoas dentro do espectro do autismo fazem uso da técnica de comunicação facilitada, a partir de computadores, pranchas, robôs, ou seja, a partir de objetos (MALEVAL, 2017). É dessa maneira que Higashida ascende à linguagem. Diferentemente das outras autoras, ele faz uso de uma prancha de alfabeto que para ele funciona como um meio de comunicação independente. Percebe-se que o autor possui muita dificuldade na fala, mais precisamente em vocalizar. Partimos da hipótese de Catão e Vivès (2011) em que para que se possa falar é necessário fazer uso de uma voz, voz esta que é própria do sujeito e é constituída antes mesmo do estágio do espelho. A voz, enquanto primeiro objeto pulsional, é o que articula o *infans*, sujeito em constituição, do Outro. Dessa maneira, a fala nada tem de natural, não é aprendida e muito menos adquirida com o desenvolvimento infantil, mas é “o resultado esperado da estruturação do seu funcionamento psíquico” (p.87).

Vivès (2018) traz a hipótese da voz como aquilo que traz a marca singular do sujeito, o timbre. Para ele o timbre é aquilo que é particular de cada sujeito:

Se definimos o timbre de uma voz natural como aquilo que é único, próprio a cada indivíduo e da mesma forma inclassificável, incomensurável, podemos considerar que o timbre constitui isso que há de mais real na voz torna-se aqui incerto, pois não se prende a um corpo e não está submetido a exigências fisiológicas. Isso que há de mais real na voz natural, o timbre, desaparece...(p. 05).

Dessa forma, podemos pensar no uso que Higashida faz dessa forma de comunicação não verbal. Para ele essa é uma forma encontrada para que pudesse demonstrar suas opiniões e o que deseja, sem que fosse necessário fazer uso da linguagem verbal. A prancha inventada por sua mãe o auxilia a se comunicar, mas mais do que isso, a compartilhar com o outro um pouco de si, entretanto sem o investimento do gozo vocal. A separação entre voz e linguagem é o que está nos primórdios do autismo (MALEVAL, 2017). Sobre sua vontade em compartilhar algo com o outro, Higashida escreve:

É uma sensação incrível! Não conseguir falar significa não compartilhar o que a gente sente e pensa. É como ser um boneco que passa a vida toda em isolamento, sem sonhos ou esperanças. É claro que levou um bom tempo até eu começar a me comunicar

através do texto por conta própria. Porém, desde o primeiro dia em que minha mãe me ajudou guiando minha mão para escrever, eu comecei a descobrir uma nova forma de interagir com as outras pessoas (p.19).

Assim, podemos considerar a prancha de Higashida como uma ferramenta para que seja estabelecido algum tipo de laço com o outro, mesmo que com suas singularidades.

Donna Williams também relata o uso de objetos com a finalidade de comunicação. Em determinado dia, ela decidiu por pegar uma lista telefônica e consultar o anuário e em seguida ligar para o número de telefone do primeiro e último nome da lista de cada letra. Ela cita que seu objetivo era estabelecer algum tipo de comunicação através de um objeto inanimado. Entretanto fala que “quando encontrava uma pessoa conhecida, bastante comunicativa e que não desligava na minha cara, lançava-me como uma carrapeta num discurso sem que ela pudesse dar uma única palavra” (p.89). Assim, diferentemente de Higashida, Williams utilizava os objetos apenas para informar.

Uma questão que podemos levantar a partir do relato de Donna é a forma com que esta lida com a alteridade. Sabemos que a alteridade é uma das bases primordiais para as relações humanas, ou seja, para que este consiga realizar uma troca com o outro minimamente possível. Entretanto, podemos notar que Donna não tinha o interesse em escutar a palavra do outro, afinal o autista combate as tentativas de alteridade do Outro e recusa as proposições de descontinuidade. Não há abertura para a diferença. Ela não desejava que o outro lhe dirigisse a palavra, não era para isso que ela estava voltada. Ela rechaçava os sinais de diferença do outro. Logo, se não há abertura para a diferença, não há laço com o outro (VALENTE, 2010; JERUSALINKSY, 2010).

A questão da enunciação comparece também em relação aos pronomes. Quando Kanner descreve a sintomatologia das crianças que foram estudadas, um dos sintomas diz respeito a inversão pronominal. Utilizar o “Eu” é falar em nome próprio, é se colocar enquanto sujeito detentor de um desejo. Donna revela que um dia, já adulta, retorna em sua antiga casa e vê gravado em uma parede “Donna é doida” (p. 57) gravada por ela mesma quando tinha por volta dos seis anos de idade. Entretanto, só consegue perceber que as outras crianças falavam sobre si mesmas com o pronome “eu” aos dez anos. Já na idade adulta podemos perceber que os três autores são capazes de falar em nome próprio, pelo menos na escrita.

Outro fato interessante é a descrição feita por Donna em relação da linguagem do autista. Relata que pessoas com autismo possuem dificuldades na comunicação e que por isso criam estratégias a fim de conseguir se expressar:

A pessoa que sofre de autismo não pode falar fluentemente, senão enganando-se a si própria, acreditando que: o que ela tem a dizer não tem importância emocional – ou

seja, ela fala como se nada dissesse; aquele que lhe ouve não pode atingir nem detectar suas intenções através das palavras ela emprega – ou seja: precisa exprimir-se através de jargão ou de ‘linguagem poética’; seu discurso não é diretamente destinado ao interlocutor – isto é, ela falará ou por intermédio dos objetos, ou os próprios objetos (a leitura interpretativa, que é uma maneira de falar com intermédio do papel); não se trata realmente de um discurso – pode-se portanto, da mesma forma, uma ária apropriada; enfim, a conversação não tem nenhum conteúdo afetivo – o que significa contentar-se em falar de fatos simples ou dizer banalidades ou futilidades (p. 324)

Em diversas partes de seu livro, a autora relata sobre o uso que fazia da linguagem e percebe-se que ela fazia uso de todas essas estratégias a fim de evitar entrar em contato com a dimensão do desejo. Essa relação de Williams com a linguagem pode ser explicada pelo que Maleval (2017) nos diz acerca das duas possibilidades do autista utilizar a linguagem:

Para o sujeito autista existem, por conseguinte, duas grandes maneiras de fazer com a linguagem: ou uma língua do intelecto, constituída por signos sem afetos, partilhável com os outros; ou uma língua privada, atrelada aos sentimentos, opaca para os outros. Nos dois casos, o sujeito recusa abrir mão do gozo vocal: quando comunica utilizando signos do Outro, eles estão separados da enunciação; quando expressa seus sentimentos, recorre a signos neológicos que ele inventa (p. 74).

Desta maneira, podemos perceber o quão implicados essas pessoas estão em renunciar tudo aquilo que pode minimamente conter o gozo vocal, preferindo a comunicação dos signos do Outro, ou até mesmo de signos inventados por eles como é o caso das línguas próprias, e não dos significantes.

Dor (1989), apoiado nos estudos lacanianos, nos mostra que o signo tem um caráter arbitrário, ou seja, o signo não precisa ter um elo entre seu conceito e sua representação, entretanto o autor ressalta que não é por ele ser arbitrário que ele terá um caráter aleatório. Ele torna-se arbitrário por sua relação ao significado. Assim, podemos considerar o signo como imutável a partir do momento em que ele é tomado por uma comunidade linguística. O autor continua discorrendo acerca do assujeitamento que nós, falantes, temos em relação a língua, pois a partir do momento em que a comunidade linguística entra em consenso sobre determinado signo, este se torna imutável: “Isto tende a mostrar a que ponto um sujeito falante é assujeitado à sua língua, tanto é verdadeiro o fato de que tudo se passa como se a língua tivesse um certo caráter de fixidez, em razão do consenso que a comunidade linguística adota em relação a ela” (p. 32). Mas o que seria o significante? Segundo Lacan (1964/1998), o significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante. Nesse sentido, o sujeito do inconsciente nasce no intervalo que há entre o primeiro significante (S1) e o segundo (S2), formando então um alongamento temporal, uma extensão significativa, na qual a fala poderá se dar (DOR, 1989). Assim, podemos entender que o significante nada tem de imutável, ele apresenta-se como polissêmico, e deve ser essa polissemia, característica do significante, que

faz com que o autista o evite, preferindo os signos por seu caráter fixo. Outra característica a ser ressaltada diz respeito ao intervalo que se tem entre S1 e S2, é na medida em que o sujeito aparece que ele pode inserir-se nessa linguagem e como podemos ver, a partir do relato de Donna, é que ela toma certas medidas para que não apareça enquanto sujeito.

Outra característica observada através dos relatos é a utilização do duplo imaginário autístico por parte das autoras Donna Williams e Temple Grandin. Segundo Bialer (2015), o duplo autístico é um recurso utilizado por autistas para entrar em contato com o mundo exterior, se relacionar com este mundo que a eles é tão caótico. A autora relata que o duplo tem como função uma relação identificatória com o sujeito autista, que a partir das barreiras levantadas por eles, protegem o sujeito e também se “constituem como bordas de investimento de gozo” (p. 83). A autora continua:

O alicerce do duplo permite ao autista se destacar do real e caminhar em direção a compensações no âmbito do imaginário. O laço com um duplo imaginário é uma construção do autista, fruto de um intenso trabalho psíquico que lhe permite encontrar neste outro um apoio que lhe auxilia a encontrar uma dinamização pulsional e uma regulação da economia de gozo (BIALER, 2015, p.83).

Assim, podemos entender o duplo como uma das possibilidades que o autista tem de identificar-se ao campo imaginário e também de produzir uma construção de si mesmo a partir da alienação (BIALER, 2015). Maleval (2017) reitera que o duplo também pode impor-se como uma estrutura capaz de fazer com que esse sujeito saia de sua solidão e também faça uso dele como uma ferramenta para o apaziguamento de seus transtornos.

Através de sua autobiografia, Williams nos conta um pouco de seus duplos – Carol e Willie – e que funcionalidade eles tinham em sua vida. Willie surge na vida de Donna antes mesmo de seus três anos. Nessa idade, Donna tinha medo da escuridão que a noite trazia e achava que poderiam surgir intrusos noturnos, para lhe proteger cria então Willie, um ser que continha um par de olhos verdes e flamejantes, de postura severa e punhos cerrados. Relata que esse ser imaginário se torna sua encarnação e que é através dele que ela consegue lidar com as relações do mundo externo. O nome Willie deriva de seu próprio sobrenome e seu comportamento era a réplica do de sua mãe, que ela considera como inimiga. Carol surge um tempo depois. Carol serve de espelho para a menina que Donna gostaria de ser, simpática, extrovertida e fácil de lidar. Em um dia enquanto brincava em um parque, Donna conhece Carol, esta a leva até sua casa, onde a mãe de Carol a trata bem. A partir desse momento, a autora fala que aprende a representar e assim, passa a representar Carol, a “jovem no espelho” (p.49). Percebe-se que esse último duplo é uma tentativa criada para que Donna pudesse se comunicar, desde que perdesse tudo aquilo que tivesse relação com seus sentimentos e pensamentos mais

íntimos. Assim, Donna interpreta Carol, onde é este duplo que falará por Donna, sem que esta tenha que se haver com a alteridade. Dessa maneira, podemos compreender que a autora faz uso de seus duplos imaginários como uma maneira possível de fazer laço com o outro.

Eu queria me comunicar. Queria exprimir e manifestar alguma coisa, sair de meu isolamento pessoal. Havia certamente um meio de fazer cessar rapidamente a angústia, mas pagando por isto com a perda de toda a consciência de mim mesma e de meu ambiente. [...] Carol reunia em si tudo aquilo que é possível amar: gostava de rir, tinha amigos, trazia uma porção de coisas para casa e, enfim, tinha uma mãe (p. 51).

Entretanto, Carol e Willie são personas opostas. Enquanto um é aquele que atrai olhares de admiração, o outro é aquele que traz o espanto. Carol e Willie apareciam em momentos diferentes e funcionavam como porta-vozes de Donna.

Já Temple Grandin nos apresenta o que ela define por *alter ego*, um personagem chamado Bisban. Grandin conta que tinha uma necessidade por falar ininterruptamente, assim criava histórias e as contava em voz alta. Em uma de suas histórias existia Bisban, que tinha o poder de controlar as coisas ao seu redor e era um garoto travesso e brincalhão. Mais tarde, aos onze anos surge Alfred Castello. Alfred era um menino de sua escola que fazia *bullying* com Temple chamando-a de maluca ou idiota, além de arrumar confusão com outros alunos e até mesmo professores. Assim, Alfred compõe a gama de personagens que compunham as histórias da autora.

Podemos compreender que o duplo imaginário das autoras distinguem-se: enquanto Donna utiliza como uma ponte entre ela e o mundo exterior, onde esses personagens tomam a dimensão enunciativa por ela e lidam com o outro, os de Temple surgem como uma maneira de ela dar conta do que lhe acontecia, como também montar uma outra cena, cena esta em que ela controlava e era previsível, ao contrário da vida real que é tão inesperado e instável. Se na vida real não conseguia deter Alfred e nem impedir que ele lhe fizesse comentários maldosos, nas suas histórias ele assume o papel de que mesmo sendo vilão acaba sendo punido ao final, levando-a às gargalhadas. Como podemos perceber e através do que Bialer (2015) ressalta, o duplo imaginário tem uma importância terapêutica, ele é capaz de fazer com que esse sujeito crie algo, invente, fundamental para o campo imaginário autístico que se mostra por vezes empobrecido.

Um ponto convergente entre os três relatos se dá no fato de que os autores falam um pouco de como o mundo lhes parece hostil e caótico. Williams (2012), define o mundo como um campo de batalha: “O mundo exterior não era pra mim senão um campo de batalha ou um palco onde eu tinha constrangimento de representar o papel. Seria apenas para sobreviver” (p.

103), para ela o que vinha do exterior era “o intruso, o barulho incompreensível que vinha nos perturbar” (p.27). Grandin (2012) relata que durante o período de sua adolescência “o mundo se tornava apavorante – incontrolável. Cada dia ficava mais imprevisível” (p. 83). Podemos perceber a partir do relato de Naoki sobre os barulhos excessivos que acabam deixando-o desorientado o mundo se apresenta como uma intrusão:

existem certos ruídos que vocês não percebem, mas que nos incomodam bastante. [...] Não é bem pelo fato de que o barulho nos dá nos nervos. Tem mais a ver com o medo de que, se continuarmos a ouvir, perderemos toda a noção de onde estamos [...] Então, para nós, cobrir os ouvidos é uma forma de nos protegermos e recuperarmos a consciência do lugar onde estamos (2014, p.25).

Assim, para essas pessoas, o mundo possui como principais características a luta pela sua existência psíquica, a intrusão externa a todo momento e a imprevisibilidade. Nesse sentido, o Outro apresenta-se como invasor e o autista precisa estar a todo momento defendendo-se, como é o caso relatado por Naoki no qual precisa cobrir os ouvidos como uma maneira de proteção. Kupfer, Faria e Keiko (2007) discorrem acerca do autismo como uma forma de proteção contra a invasão desse Outro intrusivo. Dessa maneira, as autoras trazem a hipótese do autismo sendo uma recusa ativa do Outro, levando o sujeito a uma seletividade de tudo aquilo que é externo. Assim, podemos notar que crianças que mais tarde foram diagnosticadas com autismo apresentavam desde cedo sintomas como a recusa no olhar, na ingestão de certos tipos de alimentos, na fala, entre outros. Entretanto, se faz importante ressaltar que mesmo com essa intrusão, o sujeito autista é capaz de produzir um laço, mas um laço peculiar e muito específico.

Entretanto, existe algum fenômeno que tenha impulsionado o início da escrita desses relatos? Afinal, nesses relatos, o autor se endereça de alguma forma ao interlocutor? A partir do autorrelato de Naoki percebe-se que o autor escreve com o intuito de ajudar o interlocutor a entender um pouco sobre o que acontece na mente autista e por ele poder compartilhar o que sente e pensa acaba por se sentir pertencente ao mundo como um ser humano. Durante todo o seu livro, o autor se endereça ao interlocutor, como quando fala sobre a solidão que o autista sente “o que incomoda as pessoas com autismo é que nós ficamos muito ansiosos com o fato de causar problemas para vocês e deixá-los nervosos. Por isso, é difícil para nós ficar perto de outras pessoas” (2014, p. 33). O percurso de Donna se dá de maneira diferente. Já adulta, compra uma máquina de datilografia e se põe a escrever suas memórias mais antigas. Seu livro, inicialmente, tinha sido escrito para si mesma, com o intuito de ter uma melhor compreensão de seus pensamentos e suas relações. Relata que pretendia queimar-lo. Temple Grandin não explica o motivo da escrita de seu livro, mas em uma passagem onde fala sobre sua escrita em

seu diário no qual discorria a respeito de sua máquina de pressão fala sobre o quão difícil é escrever isso, pois para ela “escrever é uma forma de aceitar o sentimento” (2012, p. 104).

A partir do que foi exposto por esses três autores podemos fazer algumas pontuações. Pode-se notar que a escrita para Naoki é em algum ponto terapêutica por fazê-lo ter um sentimento de pertencimento não só com o mundo, como com as outras pessoas. É através da escrita que ele consegue fazer laço e entrar em contato com os outros, não de uma maneira verborrágica e sem alteridade, mas com o endereçamento da palavra ao outro. A motivação de Donna para a escrita de seu relato não é voltado para que um outro leia, tanto é que ela reluta para que seu livro seja publicado. Entretanto, Donna é capaz de fazer laço através de outros objetos, como seus “tesouros” que a remetem a alguma pessoa importante de sua vida. Temple Grandin, a partir da sua “máquina de abraço” e dos cuidados que tinha com alguns animais passa a ter um melhor controle sobre sua agressividade e aceitar seus afetos. Nesse sentido, na medida em que ela passava a aceitar esses afetos, mais próxima ficava das outras pessoas. Assim, é através dessa máquina que Temple pode, a suportar uma aproximação do Outro que não seja invasiva, invasão esta que a ela era tão penosa. A partir da análise desses relatos e corroborando com a teoria psicanalítica, podemos concluir que há um laço social possível para o sujeito autista, desde que seja em sob suas condições e singularidades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Visto que o ser humano logo quando vem ao mundo nasce em total desamparo e é necessário que um outro lhe ajude a sobreviver e lhe transmita o campo simbólico no qual estamos inseridos, podemos compreender o quão imprescindível é a relação do bebê com o outro, relação esta que será necessária para a sua constituição psíquica (CRESPIN, 2004). Como trabalhado anteriormente, é a partir da primeira experiência de satisfação da criança e com a codificação da mãe sobre o apelo da dela, que esta pode vir a constituir sua cadeia simbólica. Dito de uma outra maneira, é a partir desse intervalo deixado entre o apelo e a resposta que um sujeito pode advir (FREUD 1895/1996).

Dois processos elaborados por Lacan se fazem imprescindíveis para pensarmos a constituição psíquica. O primeiro é o circuito pulsional elaborado por Lacan (1964/1988), no qual ele dá grande importância ao seu terceiro tempo, ou seja, em ir em busca de um outro e satisfazer-se com esse movimento que podemos ter o arremate desse circuito e com isto lograr o nascimento de um novo sujeito. Já o segundo conceito diz respeito ao momento em que a criança se identifica com a sua própria imagem em um espelho e pode se perceber a sua diferenciação do outro, se faz importante para que se possa ter uma entrada para a diferença do outro (LACAN, (1966/1998).

Portanto, podemos compreender que a constituição da linguagem não se dá através de um desenvolvimento, mas constrói-se a partir de uma série de processos psíquicos que se dão apoiados na relação que o bebê estabelece com o outro. Relação esta, como podemos perceber, que permeia a vida do ser humano pelo o resto de sua vida. Afinal, podemos não necessitar do outro para suprir nossas necessidades, mas ele se faz necessário para a legitimação de nossa existência. Como aponta Kupfer (2015), estamos sempre em busca de um outro que nos reconheça, que corresponda ao nosso endereçamento.

Entretanto, é justamente esse laço com o outro que é tão difícil – e caro – para o autista. Nota-se que existe um apagamento, por parte do sujeito autista, de tudo aquilo que diz respeito ao Outro. Dessa maneira, a linguagem para essas pessoas encontra-se empobrecida, pois há aí uma recusa desse gozo do Outro. Assim, quando este autista chega a verbalizar, por vezes é de maneira ecológica ou sem endereçamento ao outro. Contudo, podemos perceber que um dos meios de entrada do autista na linguagem é através da escrita, como afirma Bernardino (2015). É através da escrita que algumas pessoas conseguem sair do mutismo absoluto e verbalizar minimamente. A escrita do autista é capaz não só de oferecer àqueles que não estão no espectro notícias do mundo autístico, como fazer com que esse sujeito crie laços.

A partir do que foi exposto, o presente trabalho buscou investigar quais seriam as particularidades da linguagem e as possibilidades de laços com o outro através de autorrelatos de três pessoas com autismo: Naoki Higashida (2014), Donna Williams (2012) e Temple Grandin (2012). A importância sobre o trabalho com autobiografias se dá na medida em que este sujeito pode se colocar, agora, como protagonista de sua história. Por muito tempo, tivemos notícias acerca dessa sintomatologia através do que muitos especialistas diziam, o saber científico que reinava. Contudo, a partir desses relatos podemos não só saber um pouco sobre essas pessoas, como também aprofundar um pouco mais na discussão crítica acerca desse quadro, agora a partir da escrita de suas próprias vivências.

A investigação a respeito da linguagem e do laço autista se deu de maneira bibliográfica, onde inicialmente buscaram-se na literatura clássica da teoria psicanalítica conteúdos sobre como se dava a constituição psíquica do sujeito, assim como em artigos agrupados em fontes de dados digitais. A busca por teóricos atuais que discutem acerca da temática proposta também se fez presente. Em relação à sistematização da leitura para uma melhor análise do material autobiográfico, decidiu-se por dividir em dois eixos, um que diz respeito ao sujeito-outro, e um segundo sobre a linguagem.

Se fez necessário primeiramente fazermos um apanhado sobre o que o olhar que a psicanálise tem acerca desse quadro nosográfico. A partir do que foi encontrado na literatura psicanalítica, onde esta tem a linguagem como principal elemento constitutivo, pode-se perceber que se fazem presentes diversos posicionamentos acerca do funcionamento autista. Todos os debates levam em consideração a forma com que essa linguagem se apresenta para esse sujeito. Dessa maneira, encontramos três diferentes posicionamentos: um em que a linguagem encontra-se alienada, colada a esse Outro absoluto; em outra a linguagem seria inexistente e por tanto, não haveria possibilidade de laço possível para o autista; e na terceira posição temos uma recusa ativa por parte do sujeito autista. Nesse sentido, a linguagem existiria, mas alguns entraves seriam colocados, como a recusa no gozo vocal e na enunciação.

Em relação à análise dos relatos, foi possível perceber que o autista possui uma enorme dificuldade em se colocar como sujeito da enunciação, como é o caso de Temple Grandin (2012) que conseguiu verbalizar a partir de uma situação atípica e que desarmou a sua proteção frente ao Outro. Para ela, existia uma barreira entre ela e o Outro. A enunciação é uma das dificuldades também encontrada por Donna Williams (2012), pois a sua fala encontrava-se separada de sua subjetividade, assim, ela conseguia falar sobre vários assuntos, desde que estes não dissessem nada sobre ela ou sobre seus pensamentos.

A verborragia também aparece e é uma das maneiras que as autoras usam para recusar tudo aquilo que pode lhes dizer respeito, assim, o gozo vocal encontra-se inexistente e com ele nenhum tipo de afeto pode advir.

O uso de objetos, corroborando com a literatura estudada, se faz presente para Naoki e Donna. Enquanto o primeiro o utiliza como um modo de expressão e de entrar em contato com o mundo, portanto, de fazer laço com o outro, a segunda traz o uso do objeto como uma maneira de estabelecimento de algum tipo de comunicação, entretanto sem que a alteridade esteja posta, sem que o outro apareça, assim, podemos deduzir que não há laço.

Além dos objetos, pode-se evidenciar a utilização do duplo imaginário utilizados por Donna e Temple. A relação identificatória que se tem por meio do duplo é uma maneira encontrada pelas autoras para se proteger desse Outro que ao autista se mostra como invasor, assim como possibilita com que esse crie laço social, saindo da solidão e fornecendo elementos para a criação do campo imaginário.

Percebe-se que para os três autores o mundo se mostra como um invasor, onde a imprevisibilidade se faz presente de forma constante. Dessa maneira, como o exemplo dado por Naoki, alguns autistas, assim como ele, são levados a tapar os ouvidos contra os sons externos como uma maneira de proteção.

A partir do que foi proposto no presente trabalho, constatou-se uma maneira particular de apropriação da linguagem por parte desses autores. Denota-se que as a entrada na linguagem destes autores também se deu uma maneira singular, pois enquanto Donna e Temple entraram a partir da dimensão do afeto, de algo que chama atenção e captura esse sujeito, a de Naoki se deu através de um objeto, no qual ele relata não só se comunicar, como também compartilhar com o outro. Dessa maneira, é possível afirmar que existe um laço possível para esses sujeitos, mas com uma particularidade própria do sujeito autista.

Por fim, alguns questionamentos se fazem pertinentes: Quais outras possibilidades de introdução na linguagem, além da escrita e dos objetos, esse autista pode ter? O que acontece nessa primeira inscrição do sujeito que o faz recusar ativamente o Outro?

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (2013). DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BERNARDINO, Leda Fischer. A primazia da escrita e a clínica do autismo. In: JERUSALINSKY, Alfredo (Org.). **Dossiê autismo**. São Paulo: Instituto Language, 2015. p. 108-119.

BIALER, Marina. Literatura de autistas. **Estilos da Clínica**, [s.l.], v. 19, n. 3, p.451-464, 21 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/89736>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

BIALER, Marina. A escrita terapêutica no autismo. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v.18, n.2, p. 221-233, junho 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000200221&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 dez. 2019

CATÃO, Inês. A linguagem como mistério não revelado: voz e identificação nos autismos. In: JERUSALINSKY, Alfredo (Org.). **Dossiê autismo**. São Paulo: Instituto Language, 2015. p. 64-77.

CATÃO, Inês; VIVÈS, Jean Michel. Sobre a escolha do sujeito autista: voz e autismo. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 36, p.83-92, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300007>. Acesso em: 15 de dez. 2019.

COELHO, Daniel Menezes; SANTOS, Marcus Vinicius Oliveira. Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. **Analytica**, São João del Rei, v. 1, n. 1, p.22-32, dez. 2012.

CRESPIN, Graciela. A clínica precoce: contribuições a emergência do psiquismo no bebê. In: _____. **A clínica precoce: o nascimento do humano**. São Paulo: A casa do Psicólogo, 2004. p. 13-45.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GRANDIN, Temple. **Uma menina estranha: autobiografia de uma autista**. São Paulo: Editora das Letrinhas, 2012. 193 p.

HIGASHIDA, Naoki. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 106 p.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (o caso Dora) e outros textos (1901-1905)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 13-172.

FREUD, Sigmund. (1950[1895]). Projeto para uma psicologia científica. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 385-529.

JERUSALINSKY, Alfredo. Considerações preliminares a todo tratamento possível do autismo. **Psicologia Argumento**, S.i, p.121-125, abr. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19695>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

JERUSALINSKY, Julieta. **Enquanto o futuro não vem**: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês. Salvador: Álgama, 2002. p. 149-173.

KANNER, Leo. Os distúrbios autísticos do contato afetivo (1943). In: ROCHA, Paulina Schimidtbauer (Org.). **Autismos**. Recife: Escuta, 1997. p. 111-170.

KOMNISKI, Paula Cristina Nogueira Vieira.; CHATELARD, Danila Scheinkman.; CARVALHO, Isalena. Encontros e desencontros: do nascimento à constituição do psiquismo. **Estilos da Clínica**, v. 22, n. 1, p. 113-131, 12 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/estic/article/view/134139>>. Acesso em: 04 dez. 2019.

KUPFER, Maria Cristina. O impacto do autismo no mundo contemporâneo. In: KAMERS, Michele; MARIOTTO, Rosa Maria M.; VOLTOLINI, Rinaldo. Por uma (nova) psicopatologia da infância e da adolescência. São Paulo: Escuta, 2015, p. 169-184.

KUPFER, Maria Cristina Machado et al. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco psíquico para o desenvolvimento infantil: um estudo a partir da teoria psicanalítica. **Latin american journal of fundamental psychopathology online**, v. 6, n. 1, p.48-68, maio 2009.

KUPFER, M. Cristina M.; FARIA, Carina; KEIKO, Cristina. O tratamento institucional do outro na psicose infantil e no autismo. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 156-166, dez. 2007. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 dez. 2019.

LACAN, Jacques. O Seminário, Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. São Paulo: Ed. Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAMEIRA, V. M.; COSTA, M. C. S.; RODRIGUES, S. M. Fundamentos metodológicos da pesquisa teórica em psicanálise. Revista Subjetividades. v. 17. n.1, jan., 2017. p. 67-78.

LAZNIK, M. C. A voz da sereia. Salvador: Álgama, 2004.

MALEVAL, Jean-claude. Da estrutura autista. **Revista Asephallus de Orientação Lacaniana**, [s.l.], v. 14, n. 26, p.4-38, 30 nov. 2018. Revista aSEPHallus de Orientacao Lacaniana. Disponível em: <www.isepol.com/pdf/2_conferencia_jean_claude_maleval_portugues>. Acesso em: 02 dez. 2019.

MALEVAL, Jean-claude. **O autista e sua voz**. São Paulo: Blucher, 2017. 400 p.

QUEIROZ, Telma Corrêa da Nóbrega. Entrando na linguagem. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 3, n. 5, p.12-33, 2009. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282003000200002>. Acesso em: 03 dez. 2019.

ROCHA, Fulvio Holanda. Autismo: controvérsias na psicanálise.. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400007&lng=en&nrm=abn>. Acesso: 03 nov. 2019.

SIBEMBERG, Nilson. Autismo e psicose infantil. O diagnóstico em debate. In: JERUSALINSKY, Alfredo; FENDRIK, Silvia (Org.). **O livro negro da psicopatologia contemporânea**. São Paulo: Via Lettera, 2011. p. 93-102.

SILVEIRA, Tácito Carderelli da. A psicanálise e os impasses da constituição subjetiva. **Psychê: Revista de psicanálise**, São Paulo, v. 11, n. 11, p.117-132, jun. 2003.

VALENTE, Tamara da Silveira. A ausência da alteridade no autismo: duas perspectivas. In: GUÉRIOS, Ettiène; STOLTZ, Tania (Org.). **Educação e Alteridade**. São Carlos: Edufscar, 2010. p. 135-148.

VIVÈS, Jean-Michel. Autismo e voz maquínica. Tradução de Olívia Loureiro Viana e Angela Vorcaro, 2018, p.1-09. No prelo.

WILLIAMS, Donna. **Meu mundo misterioso**: testemunho excepcional de uma jovem autista. Brasília: Thesaurus, 2012. 340 p.